

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL
INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



ROSANA IVANETE OLIVEIRA DA ROCHA

Memória e Educação: uma reflexão sobre as trajetórias de vida de trabalhadores/as que participam do Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as Terceirizados/as da UFPel (PELEJA)

Trabalho de
Conclusão de Curso,
apresentado para
obtenção do grau de
Licenciatura no curso
de História
Universidade Federal
de Pelotas,
UFPEL-RS
Orientação de Pesquisa :
ALESSANDRA
GASPAROTTO

PELOTAS NOVEMBRO, 2021

ROSANA IVANETE OLIVEIRA DA ROCHA

Memória e Educação: uma reflexão sobre as trajetórias de vida de trabalhadores/as que participam do Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as Terceirizados/as da UFPel(PELEJA)

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do
grau de Licenciatura no curso de
História
Universidade Federal de Pelotas
- UFPEL-RS
Orientação de Pesquisa :
ALESSANDRA GASPAROTTO

Banca examinadora

PELOTAS NOVEMBRO, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R672m Rocha, Rosana Ivanete Oliveira da

Memória e educação : uma reflexão sobre as trajetórias de vida de trabalhadores/as que participam do Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as Terceirizados/as da UFPel (PELEJA) / Rosana Ivanete Oliveira da Rocha ; Alessandra Gasparotto, orientadora. — Pelotas, 2022.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. EJA. 2. História de vida. 3. Sujeitos do Projeto PELEJA. I. Gasparotto, Alessandra, orient. II. Título.

CDD : 374

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

AGRADECIMENTO

A Deus pela força e por estar sempre comigo para enfrentar as diversas barreiras por todo o caminho.

A minha avó Adolfina e minha mãe Hilda pelo amor, carinho, confiança e por me ensinar como é ser uma mulher negra correr atrás dos meus sonhos. Ao meu pai Ariovildo, vocês fazem parte de mais essa conquista.

A minha orientadora, Professora Alessandra Gasparotto que me conduziu durante mais de um ano de batalha. Obrigada por toda a atenção e conhecimento que me cedeu neste período.

A minha eterna companheira e melhor amiga, sincera, e valorosa irmã Deise, pelo apoio, pelos puxões de orelha e ajuda. Sempre a terei em minhas lembranças e em meu coração, que jamais possamos nos separar mesmo que por momentos.

Ao meu irmão Paulo Artur por ser meu cavaleiro da armadura brilhante que sempre me protegeu.

Aos meus sobrinhos e afilhados Tharek e Aysha por cada sorriso responsáveis por encher meus dias de alegria por vocês que eu fui mãe mesmo não tendo gerado e agradeço a Maria por isso.

Ao meu filho Baltazar Emanuel Mouhamed, quem estou gestando, por ser o meu renovo e motivo para eu continuar a luta.

A minha companheira felina Nefertity por toda companhia e amor genuíno e puro que só um ser de luz pode dar.

A Universidade Federal de Pelotas pela oportunidade e apoio durante todo o período que passamos aqui.

A todos os professores e colegas do curso, que contribuíram para minha formação e incentivaram todos os pequenos projetos ampliando os conhecimentos adquiridos em sala.

Aos, Ângelo, Márcia e Jaenete que sempre me apoiaram e incentivaram com palavras e gestos de carinho de forma direta ou indiretamente na realização deste sonho e todos os outros que mesmo não citados aqui não deixam de merecer meu agradecimento

*“É que eu não desisto de você, Meu filho
E se for preciso
Eu entro no meio da guerra só para te lembrar
Que nunca desisto de você, Meu filho
E se for preciso
Eu entro no meio da guerra só para te ajudar
Se apoie em meus ombros, não solta, nós vamos
lutar...”(Jessé Aguiar)*

SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
Capítulo 1 – Metodologia e alguns apontamentos sobre a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil	11
Capítulo 2 – VIVÊNCIAS E DESFECHOS: reflexões sobre as narrativas dos/as estudantes do PELEJA.....	23
Considerações Finais	39
Referências	41

RESUMO

Com o intuito de aprimorar meus conhecimentos enquanto aluna e futura professora optei por fazer a pesquisa do meu TCC do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas com os alunos do Projeto PELEJA - Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as Terceirizados/as da UFPel. Meu projeto tem como objetivo geral analisar as histórias de vida dos sujeitos que buscam fazer a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e que não tiveram oportunidade de concluir o ensino básico na idade regular. Tivemos como referencial teórico FREIRE, 1998; MEIHY, 2007; RAMALHO 2010, entre outros autores. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas estruturadas com quatro estudantes para compreender suas memórias e vivências, evidenciando as semelhanças e distanciamentos de suas trajetórias para alcançar o tão desejado certificado de conclusão do Ensino Fundamental ou Médio.

Palavras- Chave: EJA; Sujeitos do Projeto PELEJA; história de vida

INTRODUÇÃO

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (Paulo Freire, em “Pedagogia do oprimido”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987). Com estas palavras esclarecedoras lhes apresento o presente trabalho, que foi elaborado a partir da necessidade de analisar as histórias de vida de trabalhadores/as terceirizados/as da UFPel e trabalhadores/as do setor privado da cidade de Rio Grande, que participaram do Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as Terceirizados/as da UFPel (PELEJA) entre os anos de 2019 a 2021, de forma a compreender suas histórias de vida e trajetória no ensino formal, bem como as motivações que levaram esses sujeitos a buscar o projeto e retomar seus estudos.

Ao longo do trabalho, busca-se também apresentar uma breve reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e como se constitui o Projeto PELEJA, que é direcionado à formação de Jovens e Adultos (EJA), em um espaço não formal. Este Projeto é considerado fundamental, uma vez que, como afirma Giovanetti,

A escola e os demais espaços educativos da EJA se configuram como oportunidades de construção de relações humanas significativas, desenvolvendo as potencialidades de jovens e adultos, propiciando-lhes o enfrentamento das ressonâncias da condição de exclusão social. Perspectiva que não nega a existência de conflito; ao contrário, acolhemos como próprio da ambivalência intrínseca das relações humanas. (Giovanetti, 2003,p.17)

O projeto PELEJA teve início em 2019, seu objetivo geral é propor ações educativas direcionadas às/aos trabalhadores/as terceirizados que operam no setor de Serviço de Limpeza da UFPel, buscando auxiliar os/as trabalhadores/as que ainda não possuem o Ensino Fundamental ou Médio completos a participar do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). O ENCCEJA tem como finalidades “construir uma referência nacional de autoavaliação para jovens e adultos por meio de avaliação de competências, habilidades e saberes adquiridos em processo escolar ou extraescolar.” (www.gov.br/inep-Encceja). O PELEJA também promove atividades de formação sobre temas vinculados às áreas da educação, saúde, direito e trabalho.

A organização do Projeto foi construída a partir de um diálogo com os/as trabalhadores/as terceirizados/as que atuam na prestação de Serviços de Limpeza, o NUGEST (Núcleo de Gestão de Serviços Terceirizados) e a SUINFRA/UFPel. A partir deste diálogo, a proposta metodológica do Projeto se dividiu em dois eixos principais. O primeiro se destina à oferta de aulas específicas preparatórias para a prova do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) para os/as trabalhadores/as que ainda não possuem o Ensino Fundamental ou Médio completo. Inicialmente, as aulas aconteciam todas as quarta-feiras no turno da tarde. O segundo eixo se constituiu na oferta de atividades de formação mensais que se direcionam a todos os/as trabalhadores/as que atuam na prestação de Serviços de Limpeza¹.

Os professores e as professoras que atuam no Projeto Peleja são voluntários, sendo estes em parte alunos de licenciatura em formação da UFPel e professores, que às vezes não fizeram um curso específico para atuar nesta área da educação de jovens e adultos e por isso necessitam ajustar e adaptar e suas práticas metodológicas.

Durante o período pandêmico da Covid 19, as aulas ocorreram em um formato online aos sábados, no turno da tarde. Isso gerou uma série de desafios e dificuldades para estes colaboradores, no sentido de aprimorar suas habilidades e fazer uso de recursos tecnológicos para a elaboração das aulas direcionadas aos trabalhadores/às nesses encontros síncronos.

No que se refere à educação de jovens e adultos, Gadotti e Romão (2011) afirmam que “um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida.” A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador.

Após a análise de alguns textos e documentos publicados no Portal do Ministério da Educação², pode-se dizer que há um conjunto de orientações para se

¹ Essas informações foram extraídas do sistema Cobalto - Projetos Unificados/Consultas/Projeto/Projeto PELEJA Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos)

² No portal.mec.gov.br, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE DIRETORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- AGENDA TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PLANO ESTRATÉGICO PARA IMPLANTAÇÃO E/OU FORTALECIMENTO DA EJA MUNICIPAL E ESTADUAL PROPOSTA DE

estabelecer um plano de ação com o objetivo de pôr em prática, em todo território brasileiro, as estratégias político-educacionais de implantação e/ou fortalecimento da EJA, estabelecidas no encontro que em Natal, em dezembro de 2008, teve participação neste diálogo o Ministério com os gestores estaduais, a Comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA) e os fóruns de EJA, a partir do diagnóstico estadual de cada região.

Um dos documentos trata sobre a Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos³, que apresenta o histórico, os avanços, os desafios e a maneira de implementar e fazer funcionar a Agenda Territorial. “(BRASIL,2010,p.1)

Essas ponderações me levaram a um questionamento se esta forma disposta de educar está realizando seu propósito de assegurar o direito basilar de todos. De acordo com o texto da Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos “a educação como direito aparece na Declaração Universal dos Direitos, em 1948, e vai se consolidando, inclusive no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos, em documentos e encontros internacionais, como as cinco Confineteas, promovidas pela Unesco, a Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1990”(BRASIL,2010,p.2)

. E que a mesma promove o entendimento e desenvolvimento através da aprendizagem e do ensino, para que este indivíduo atinja seu potencial contribuindo assim para construção integral desse sujeito, para que o mesmo tenha consciência de seu lugar no mundo. Se não for assim, a educação estará sendo utilizada como um método secular de reestruturação de uma sociedade que será moldada apenas para servir a uma elite industrial como um meio de produção de uma mão de obra

ROTEIRO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE – SECAD DIRETORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EJA AGENDA TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS e a CARTA DE COMPROMISSO COM A AGENDA TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

³ A Agenda Territorial para o Desenvolvimento Integrado da Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos visa criar um contrato social para melhorar e fortalecer a educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil. estados brasileiros, trabalhando juntos de acordo com a filosofia de compromisso com a educação apresentada pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). O objetivo é desenvolver uma agenda anual de compromissos em que cada estado estabeleça metas para a educação de jovens e adultos. O Ministério da Educação é responsável por fiscalizar a execução dos trabalhos em cada localidade.

mais qualificada, que ao mesmo tempo seja mais domesticada e barata, incapaz de questionar sua posição social.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil se originou muito mais como produto para o combate da miséria social do que como desenvolvimento. É consequência dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida de grande parte da população brasileira, que acabam por interferir no aproveitamento da escolaridade na época apropriada. (Haddad, 1994)

Leva-se em consideração que a educação é um dos caminhos que produz a transformação nas vidas dos sujeitos e que os mesmos são “agentes da transformação” e da construção da sua própria história, das relações sociais e da cidadania. A base elitista colonial, que formou a sociedade brasileira, historicamente esteve ligada a uma ideia da distinção e da discriminação entre os grupos sociais. A formação da Educação de Jovens e Adultos no país reflete acerca desse caráter compensatório e excludente. Durante a década de 1940 a Educação de Jovens e Adultos começou a se formar da maneira que conhecemos, é nesse momento que foi dada a partida na Política Educacional Nacional; conforme Ribeiro (2001, p.59), ali “se constituiu como política educacional”. E seu objetivo e suas ações eram direcionadas à alfabetização e cursos técnicos desses sujeitos possibilitando a eles o acesso a empregos melhores e, por, conseguinte melhorando suas condições de vida

A motivação para este Trabalho de Conclusão de Curso sobre a Educação de Jovens e Adultos se originou a partir da experiência do estágio como bolsista do Projeto PELEJA, e o interesse pelas histórias e trajetórias dos/as estudantes, que foi crescendo juntamente com a determinação dos mesmos para concluir seus estudos. Ao chegar a nossos encontros semanais e começar a Prática de Ensino, me deparei com mulheres e homens que não eram diferentes de mim, que estavam quase na mesma faixa etária, possuíamos cultura, religião ou classe social similares. Contudo éramos diferentes, pois cada um ali, naquela sala de aula, trazia consigo não apenas o seu material escolar, mas sim experiências de vida até então desconhecidas por mim.

Com a vivência nos estágios do Curso de História no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e as reflexões feitas durante minha graduação, passei a perceber que o professor, acima de tudo um professor da EJA, necessita respeitar e

valorizar tais trajetórias, devendo estas ser incorporadas nos processos educativos, repensando as práticas pedagógicas com jovens e adultos.

Assim, o objetivo deste estudo é conhecer as trajetórias dos alunos jovens e adultos trabalhadores e os motivos pelos quais eles estão de volta aos bancos escolares, e por sua vez as razões deles não desistirem novamente da escola e da tão desejada formação pretendida.

Capítulo- 1 Metodologias e alguns apontamentos sobre a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Com o tema delimitado, se fez necessário definir os procedimentos metodológicos da pesquisa. A opção escolhida foi a abordagem qualitativa. Esta abordagem, de acordo com Minayo (1994, p.21-22) “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.”

Para conhecer a trajetória dos/as estudantes, foram realizadas entrevistas de história oral, pré-estruturadas ou semiestruturadas. A entrevista é um acordo entre duas pessoas com o intuito de obter informações sobre um assunto pré determinado de interesse profissional. A entrevista semi-estruturada se caracteriza pela combinação de perguntas abertas e fechadas, que possibilita ao entrevistado discorrer sobre o assunto proposto, mesmo que o pesquisador tenha um roteiro com perguntas previamente definidas. O tipo de entrevistas mais utilizada na investigação qualitativa é a semiestruturada, como enfatiza (Flick, 2005), “que, apesar de ter um guião prévio que estrutura os conteúdos a ser abordados, admite flexibilidade suficiente para explorar o mundo do entrevistado através de uma relação de conversação”.

A princípio foram selecionados oito estudantes que frequentam o Projeto PELEJA, seis mulheres e dois homens. A escolha desses entrevistados se deu porque as trabalhadoras já eram estudantes do projeto deste 2019 e os trabalhadores eram ingressantes de 2020 e eram do setor privado, não possuíam laços com a universidade.

Desses selecionados, apenas duas mulheres e dois homens concordaram em fazer as entrevistas. Sobre as quatro alunas selecionadas que não quiseram fazer parte deste estudo, três alegaram não ter tempo para entrevistas pois estavam muito ocupadas, trabalhavam em outros locais além da universidade e uma delas não podia pois cuidava de sua mãe idosa e não teria tempo.

Devido às preocupações com a pandemia de Covid 19 e respeitando o isolamento social, as entrevistas foram feitas de maneira online através de videochamadas pela plataforma Google Meet, e usando todos os recursos do aplicativo para gravação da mesma. Conforme Santiago e Magalhães (2020),

O recurso virtual deve ser entendido como mais uma ferramenta a aproximar entrevistador e entrevistado, um recurso de coligação útil, um caminho para o entendimento das complexas interações e dos pontos de vista sobre a história que não estariam disponíveis de outra forma.(SANTIAGO,MAGALHÃES 2020 p.11).

Importante salientar que três dos entrevistados residem na Cidade de Pelotas e um deles na cidade de Rio Grande, e o entrevistador reside em Pelotas e mesmo assim aconteceu este encontro social com ambas as partes para a realização das entrevistas, que transcorreram de maneira satisfatória, possibilitando a construção deste trabalho.

Há também razões de cunho cultural. Relações sociais, pessoais ou institucionais vêm mudando substancialmente com os relacionamentos online ou mediados por máquinas. A presença física não é mais um critério de definição do que se considera uma relação social. (MAGALHÃES e SANTIAGO,2020,pg 2)

Todos os quatros entrevistados concordaram que dados de suas respostas fossem usados para elaboração deste trabalho. Conforme, Santiago e Magalhães (2020), é necessário que se combine com o entrevistado a forma de autorização de uso, seja ela gravada (como no caso desses projetos) ou assinada e escaneada, para garantir futuros usos.” Os autores afirmam que é de suma importância para dar credibilidade para as entrevistas online bem como para o trabalho a se elaborar, que pesquisador e entrevistados acordem com os procedimentos da entrevista no início das gravações.

Antes das entrevistas os alunos foram orientados, através de conversas pelo Whatsapp, de que maneira as entrevistas iam ocorrer, as informações foram repassadas e as combinações avançaram de acordo com as necessidades e carga horária de cada um dos entrevistados.

Outro cuidado é garantir ao entrevistado toda a informação possível sobre o pesquisador e sobre o projeto de pesquisa, de modo que ele fique assegurado em relação à confiabilidade do projeto e à idoneidade do entrevistador. (SANTIAGO,MAGALHÃES 2020 p.9).

No dia marcado, apresentamos previamente o roteiro da entrevista através de mensagens do Whatsapp e assim que se iniciou a chamada de vídeo a cada um

deles e pedimos sua autorização para gravarmos o conteúdo da conversa que teríamos. Conforme relata Meihy: “A base da existência da história oral é o depoimento gravado”. (MEIHY, 1996, p.15). Obtivemos o consentimento de todos para fazê-lo; assim o material acústico coletado ficou armazenado na plataforma Meet , com o intuito de garantirmos sua qualidade e preservação

Para que possamos utilizar tais depoimentos captados, fazemos uso de uma autorização do entrevistado por gravação em vídeo chamada, para que posteriormente o material possa ser utilizado como fonte oral para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Além das entrevistas, também foi realizada uma revisão de literatura sobre temáticas relacionadas ao problema de pesquisa, tais como Histórias de vida e ensino de jovens e adultos. Deste modo, o seguinte trabalho de TCC tem a intenção de problematizar a trajetória histórica dessa modalidade de ensino que é tão diversa e rica, porém é pouco discutida durante a graduação. Além disso, busca dar mais visibilidade para as histórias de vidas desses sujeitos a quem essa modalidade é destinada, compreender quando e por que não seguiram o ensino regular e o quanto isso impactou suas trajetórias. Outro objetivo importante é contribuir com a diminuição do olhar preconceituoso que se tem a respeito dos sujeitos, professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos, dando-lhes assim mais espaço e reconhecimento no meio acadêmico.

O estudo, nomeado Memória e Educação : uma reflexão sobre as trajetórias de vida de trabalhadores/as que participam do Projeto PELEJA - Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as Terceirizados/as da UFPel, tem o objetivo de analisar as Histórias de vidas dos alunos do Projeto PELEJA e suas relações com a família e com o trabalho na sua decisão de voltar a estudar, bem como qual foi a importância do Projeto PELEJA e da Prova ENCCEJA para construção deste caminho.

Em consonância com os objetivos expostos, optou-se por encaminhar esta pesquisa fundamentada na abordagem metodológica da história oral.

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa (ALBERTI, Verena, 2003).

Este tipo de metodologia possibilita a identificação de várias memórias, várias histórias, dando espaço de escuta aos sujeitos e temáticas que muitas vezes são consideradas marginais, sem relevância no mundo acadêmico. Valendo-se das suas narrativas/fontes orais, busca-se evidenciar as experiências vividas por um coletivo que tenciona transformar suas vivências a partir da conclusão do Ensino Fundamental ou Médio.

Com base na sistematização das entrevistas de História Oral é que podemos registrar fatos ignorados ou silenciados. Como sentencia Alberti (2003), “ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido”

O trabalho teve uma abordagem qualitativa de História Oral para uma compreensão melhor acerca do problema de pesquisa, sabendo que pesquisa é uma reunião de práticas, com bases nas argumentações para encontrar as respostas através dos procedimentos. A pesquisa qualitativa possibilita ao investigador compreender as particularidades de cada indivíduo, dando relevância para vivências, feitos do mesmo.

Meihy (2007) nos diz que na história oral as entrevistas dialogam com outras fontes para aprofundamento das investigações.

No que se refere ao local de pesquisa, destaco que em seu primeiro ano de atuação, em 2019, foram desenvolvidas as ações educativas direcionadas às/aos trabalhadores/as terceirizados/as que atuam na Universidade Federal de Pelotas, através do PELEJA. Trata-se, mais especificamente, de terceirizados e terceirizadas que atuam no setor de conservação e limpeza da UFPel. Estes e estas trabalhadores/as, em sua maioria, são mulheres, chefes de família, cujas idades variam entre 34 anos e 61 anos, sendo que grande parte delas possuem atividades laborais extras, além de cuidados com a casa, filhos e parentes idosos.

O projeto foi elaborado para contribuir com a autonomia desses trabalhadores e dessas trabalhadoras, com base nas concepções pedagógicas da educação popular para que eles/as se percebam como parte da Universidade. O projeto consiste em promover atividades e cursos de formação que possam

qualificar estes/as trabalhadores/as e garantir acesso a conhecimentos produzidos na universidade⁴.

Para que isso acontecesse foram organizadas aulas preparatórias para a realização da prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), que permite que pessoas que evadiram do ensino regular possam concluir o Ensino Fundamental e/ou Médio.

Como o Projeto atua a partir de uma perspectiva de educação popular, é importante situar essa perspectiva. No livro *Cultura Rebelde*, produzido por Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção, os autores afirmam que “a educação escolar era não só um direito de todos os cidadãos, mas o meio mais imediato, justo e realizável de construção das bases de uma sociedade democrática”. A Educação Popular surge no Brasil com Paulo Freire, que foi um dos propagadores deste método, e é um movimento pedagógico e político. A Educação Popular propõe que para existir uma sociedade justa e democrática as classes oprimidas e discriminadas devem tomar consciência de suas condições de vida e das raízes dos problemas que as afetam. E que por meio da educação, seria possível conceber estratégias para concretizar transformações sociais a favor dos setores populares.

Educação popular é a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais [...] critica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo”. (Freire, 2007, p. 103-105)

Freire acreditava que todo e qualquer indivíduo é portador e produtor de conhecimento, admitindo assim que a vivência e o contexto social de cada ser é importante. E respeitava a cultura, os conhecimentos populares, os valores e habilidades individuais que todos trazem consigo.

As ações do Projeto também incluem atividades de formação sobre temas vinculados às áreas da educação, saúde, direito e trabalho, que foram desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2019. Esses temas foram

⁴ Essas informações foram extraídas do sistema Cobalto - Projetos Unificados/Consultas/Projeto/ Projeto PELEJA Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos.

trabalhados a partir da aplicação de palestras e oficinas ministradas por especialistas em cada assunto abordado, com o intuito de promover formações dos participantes partindo do princípio que todos possuem saberes e que estes saberes podem e devem ser divididos e multiplicados no grupo, salientando que todos os sujeitos podem se tornar atuantes no espaço que dispõe

A outra proposta se constituiu na realização de atividades de formação mensais que se direcionam a todos os/as trabalhadores/as que atuam na prestação de Serviços de Limpeza. Os temas destas palestras foram previamente escolhidos com base nos diálogos e de sugestões colhidas com os/as próprios terceirizados/as, a partir de um encontro inicial e da aplicação de um questionário.

“A estrutura do Projeto PELEJA foi elaborada com base em um diálogo com os/as trabalhadores/as terceirizados/as que atuam na prestação de Serviços de Limpeza, o NUGEST (Núcleo de Gestão de Serviços Terceirizados) e a SUINFRA/UFPel.” (ROCHA, 2020).

As respostas contribuíram para elencar as demandas e interesses. No ano de 2019, essas aulas foram aplicadas, entre os meses de junho e agosto, até a data de realização do exame, todas as quartas-feiras no período da tarde, iniciando às 13:30 e terminando às 16:00. Assim conseguimos construir um Cronograma Inicial, com datas e temáticas que foram abordados: em setembro o tema foi Educação e Trabalho; neste encontro foi conduzida uma roda de conversa com a intenção de promover uma troca de saberes e vivências, se utilizando da apresentação de vídeos lúdicos e uma fala sobre a importância de se incentivar a Educação Popular, ajudando assim a ressignificar os saberes de cada participante com suas experiências. Saúde e Trabalho foi o tema de mais um encontro de Setembro; neste encontro tivemos a colaboração do Projeto de Extensão Barraca da Saúde/UFPel e foi feita uma fala sobre a necessidade de cuidar da saúde no ambiente de trabalho e como saber onde acessar consultas e exames. A equipe da Barraca da Saúde também fez testes rápidos, tais como HIV, diabetes e averiguação da pressão e temperatura. “Além disso, houve aplicação de Reiki, uma técnica considerada como terapia integrativa, a fim de restaurar o equilíbrio físico, regularizar suas funções vitais e equilibrar o campo mental e emocional (ROCHA, 2020)

Outros temas abordados foram Direitos dos/as Trabalhadores/as, em outubro, e Direito Previdenciário, em novembro. Nestes encontros foram convidados

especialistas dessas áreas, que ajudaram a tirar as dúvidas dos nossos trabalhadores/as terceirizados/as sobre as mudanças na legislação trabalhista e previdenciária. Noções Básicas de Informática foi o tema do nosso último encontro formativo em Novembro, e se tratou de uma oficina prática sobre noções básicas de internet e do uso de computadores, telefones e tablets para acesso às redes sociais. (ROCHA, 2020)

Além das aulas, foram criadas ferramentas de comunicação e divulgação de materiais educativos (cartilhas, provas, vídeo-aulas, etc), para complementar a formação, como um grupo na rede social facebook e um grupo no whatsapp. As ações também incluíram atividades culturais, como exibição de vídeos, apresentações musicais ou teatrais, entre outras atividades que permitiram oportunizar a estes/as trabalhadores/as acesso à conhecimentos produzidos na universidade.

Em 2020 devido a Pandemia do COVID-19 e as recomendações de se manter em quarentena, nossas ações para a continuidade do projeto foram na modalidade remota, contudo algumas intervenções foram tomadas. Primeiramente foi enviada uma carta (e-mail) para o NUGEST para saber quais seriam as medidas de segurança no trabalho durante a Pandemia tomadas para garantir a saúde e bem-estar dos trabalhadores terceirizados. Através das informações pudemos elaborar um formulário aplicado aos trabalhadores e trabalhadoras terceirizadas, através plataforma Google forms, aberto a partir do dia 6/6/2020, que ficou disponível por quase um mês e meio. O intuito deste questionário era saber como estavam estes trabalhadores e estas trabalhadoras neste período de pandemia, bem como formularmos uma base para as futuras ações do projeto. (ROCHA, 2020)

O questionário ficou aberto por quarenta e cinco dias, entretanto houve poucas respostas. Algumas das razões que as trabalhadoras e trabalhadores nos informaram foram que não possuíam planos de internet em seus celulares, usavam o wifi da universidade, algumas delas não sabiam mexer no formulário por isso não conseguiram acessar a plataforma, outras nem ficaram sabendo devido ao afastamento do local de trabalho durante o período de pandemia. Contudo, as poucas respostas que tivemos serviram como norteador para desenvolvermos as futuras ações do projeto. A nova demanda por elas/es solicitada, o projeto expandiu

suas ações e abriu vagas para trabalhadores do comércio, trabalhadores rurais e estrangeiros.

A partir das análises das respostas extraídas do questionário as seguintes medidas foram tomadas: elaboração de um cartaz para informar as terceirizadas sobre os canais de contatos do Projeto (página do Facebook, Whatsapp); elaborar uma carta conjunta para as terceirizadas expressando nossas preocupações e considerações em relação a elas; um mapeamento das funcionárias sobre seu local de trabalho e suas necessidades (materiais de proteção, álcool, máscaras, luvas e alimentos); contatamos a PRAE - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis sobre a possibilidade de doações de chips telefônicos para as funcionárias da universidade que iriam prestar a prova do ENCCEJA para assim terem acesso à internet, porém este item não conseguimos atender pois a PRAE não pode dispor dos chips; fazer contatos com nossos colaboradores parceiros (professores e tutores) e saber a possibilidade de os mesmos terem horas destinadas ao preparo do material, além das horas de atividade síncrona, com o devido crédito na ação cadastrada no Cobalto dentro do projeto.

As aulas ocorreram de forma online aos sábados à tarde através da plataforma do e-aula da instituição e foram gravadas e disponibilizadas para alunos na plataforma padlet, juntamente com todo material didático elaborado pelos colaboradores.

Alguns apontamentos sobre a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A aprovação da LDB 9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, Parecer nº 11/2000, apresentou-se como um marco importante para Educação de Jovens e Adultos, que foi definida como modalidade da educação básica direcionada para suprir as demandas de jovens e adultos que não frequentaram ou não concluíram a educação básica no momento adequado. "Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria"(portal.mec.gov.br LDB 9394/96). No entanto, com base nos textos dos documentos oficiais que servem de base para as políticas públicas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil percebe-se que a educação

destinada a este grupo de indivíduos teve sua trajetória histórica orientada por ações descontínuas, marcada por uma diversidade de programas, que por vezes não a qualificava como escolarização.

As primeiras ações para educar a população brasileira advém do ano de 1549 com a expedição de Tomé de Souza, com objetivo de colonizar os povos que aqui residiam com auxílio dos jesuítas por meio da catequização que às vezes servia para conversão ou para instrução, isso dependia muito do “público alvo” colonos ou indígenas. Entretanto, com a chegada da família real e consequente expulsão dos Jesuítas no século XVIII, a educação de adultos entra em falência, pois a responsabilidade pela educação acaba ficando às margens do império (STRELHOW, 2010). Após décadas de obstruções da educação no território brasileiro devido ao rompimento com jesuítas e a implantação do sistema pombalino.

Assim, fica evidenciado que as “Reformas Pombalinas” visavam transformar Portugal numa metrópole capitalista, a exemplo do que Inglaterra já era há mais de um século. Visavam, também, provocar algumas mudanças no Brasil, como o objetivo de adaptá-lo, enquanto colônia, à nova ordem pretendida em Portugal.(RIBEIRO,1992.p 35).

O ensino retorna na fase do Império, para suprir as demandas que a implantação da corte exigia, para metamorfosear esse quadro e modelar uma nova sociedade que serviria as predileções das aristocracias brasileiras.

Em 1934, o governo criou o Plano Nacional de Educação que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional.

Nas décadas de 1940 e 1950 surgiram muitas críticas aos adultos analfabetos, a despeito de que a dedicação por uma educação mais abrangente à população foi elaborada. De acordo com Paiva, quem organiza estas campanhas era preconceituoso, com o sujeito não alfabetizado.“(...)a idéia central (...) é a de que o adulto analfabeto é um ser marginal que não pode estar à corrente da vida nacional” (Paiva, 2001,p.184).O que proporcionou um grande movimento pela educação e surgimento das chamadas “Ligas” Como expõe Ribeiro,

(...) A criação do Fundo Nacional do Ensino primário em 1942 do Serviço de Educação de Adultos, da Campanha de Educação de Adultos, ambos de 1947, da Campanha de Educação Rural, iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958. (RIBEIRO,2001, P.59).

Na década de 1960, Freire é incumbido de desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA). O convite foi feito pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos.

Aprovado pelo Decreto 53.465, de 21 de janeiro de 1964, o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos orientado pela proposta de Freire previa a instalação de 20 mil círculos de cultura, que alfabetizaria 2 (dois) milhões de pessoas" (Eugênio,2004, p. 42-43)

Já em 1967, o governo ditatorial constituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com o intuito de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. O MOBRAL expandiu-se na década de 70 por todo o Brasil, com demandas variadas, podendo destacar o PEI – Programa de Educação Integrada, que consistia em compactar o antigo curso primário. Na década de 80 com a grande proliferação dos movimentos sociais e início da abertura política, os projetos de alfabetização se multiplicaram em turmas de pós alfabetização, "(...) fruto do trabalho realizado por grupo interministerial que buscou uma alternativa ao trabalho da cruzada ABC(...)" (HADDAD 2000 p 114).

O Supletivo surge em 1971 com objetivo de complementar a escolarização e combater o analfabetismo, buscando aqueles indivíduos que ainda não tinham conseguido terminar seus estudos no tempo regular e na idade considerada adequada. O Supletivo foi instituído pela Lei 5.692/ 71, tratando de uma escolarização tardia e atividades educativas da maneira mais flexível para o indivíduo, suprimindo suas deficiências. Com o objetivo de atender os interesse do governo algumas mudanças foram ajustadas de sua proposta, conforme salienta Haddad (2000):

O ensino supletivo foi apresentado à sociedade como um projeto escola de futuro, elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica, observada pelo país nos anos 70. Não se tratava de uma escola voltada aos interesses de uma determinada classe popular, mas de uma escola e por sua clientela pois a todos deveriam atender uma dinâmica permanente de atualização.(Haddad,2000,p.117)

Em 1985, já em declínio, o MOBRAL foi extinto e substituído pela Fundação Educar, que apoiava, financeira e tecnicamente, as iniciativas governamentais - ou seja, aquelas vinculadas ao Ministério da Educação, que ofertavam apoio técnico e financeiro às iniciativas de alfabetização existentes. Pode se dizer que após este

período que a educação popular volta a trilhar caminhos mais abertos pois com abertura ela pode agora mostrar todo seu trabalho que vinha fazendo em oculo.”(...) Retomaram PIS e habilidade nos ambientes universitários e passaram a influenciar também programas públicos e comunitários, (...)” (HADDAD, 2000 p.120).

Nos anos 2000 destacam-se alguns marcos importantes para o EJA ,em 2003 é criada pelo Governo Federal a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, que instituiu o Programa Brasil Alfabetizado, juntamente com o Projeto Escola de Fábrica, destinado a cursos de formação profissional, o PROJOVEM, que tinha como objetivo a qualificação para o trabalho e a junção da implementação de ações comunitárias para jovens, e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA).

Não podemos deixar de citar os empreendimentos de Educação de Jovens e Adultos destinados à população do campo nesse período, final da década de 1990, início dos anos 2000. É importante se dizer que foi uma ação articulada pelos Conselhos dos Reitores das Universidades Brasileiras – CRUB, Movimento Sem Terra – MST, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA que levou a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Iniciado em 1998, o PRONERA atendeu as populações do campo na condição de assentados. O PRONERA se constituiu “em uma política educacional pautada na redução do analfabetismo de jovens e adultos no campo” (PERNA; PEREIRA; PEREIRA, 2016).

Haddad “pontua que esse Programa teve certo sucesso porque dispunha de disponibilidade financeira, bem como formação para os monitores de educação, que desenvolviam suas atividades a partir das especificidades e dos saberes dos educandos.” (Haddad.,2022)”.

Observa também que o fortalecimento da educação no campo e as políticas públicas direcionadas a mesma se deu através das lutas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Com desejo de dar sentido a esta breve condensação sobre o EJA, compreendo que esta sociedade elitista percebe o jovem, adulto e idoso não alfabetizado como uma problemática de difícil resolução. Entretanto, no decorrer da trajetória da educação de jovens e adultos, nota se uma transformação desse

olhar preconceituoso e esta camada social passou a ser a representante da Educação para Jovens e Adultos, que só toma essa forma, como vimos, a partir da contribuição do Estado, mas necessário deixar bem esclarecido que foi o movimento popular que levou a essas mudanças.

Compreendo também que as políticas públicas não suprem as demandas dessa parcela da população de alunos trabalhadores e que o método de ensino EJA, como instrumento de educação não foi bem sucedida devido a sua trajetória irregular. Se percebe que a educação de jovens e adultos ainda está pouco consolidada, existe uma luta e ela é histórica, que procura ainda o reconhecimento e o respeito, dentro de uma educação formal, porém de uma composição diferente, com uma reconfiguração do compromisso do Estado.

Capítulo 2 – VIVÊNCIAS E DESFECHOS: reflexões sobre as narrativas dos/as estudantes do PELEJA

No que concerne às entrevistas, estas se orientaram a partir de um roteiro composto por vinte e sete questões, com a finalidade de ouvir e registrar as falas dos/as entrevistados/as. Esses registros serviram para que eles narrassem as suas trajetórias profissional e pessoal, de onde vieram, até quando estudaram, quais suas memórias sobre a escola, qual motivo e importância de voltar a estudar, entre outros pontos importantes.

De acordo com Meihy (2011, p, 13), o que particulariza a história oral é a estruturação das metodologias organizadas pela lógica proposta no projeto inicial. A coleta de depoimentos orais transcorre no sentido de busca de experiências, da vivência e de maneira a coordenar a escrita nos documentos, materializando-se a reconstrução da trajetória pessoal e profissional, neste caso dos alunos do projeto PELEJA.

Recordando aos presentes leitores de que, para esta obra, foram escolhidos inicialmente oito estudantes, seis mulheres trabalhadoras terceirizadas do setor da limpeza da UFPel e dois homens do setor industrial privado da cidade de Rio Grande Entretanto quatro participantes não puderam ser entrevistados por motivos pessoais que já foram revelados no corpo acima deste projeto. O critério utilizado para escolha dos colaboradores era: Participantes que estavam desde o início do Projeto PELEJA; participantes de ambos os sexos; participantes que não atuavam no setor de limpeza da UFPel e participantes ingressos no Projeto em 2020 . A escolha desses requisitos se dá para que houvesse uma maior diversidade nos perfis e nos relatos dos alunos. Mesmo com a impossibilidade das quatro participantes, todos os requisitos foram preenchidos.

RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS

COLABORADORES	DATA E HORA DAS ENTREVISTAS	LOCAL DA ENTREVISTA	DURAÇÃO
CATIA CILENE VINHOLES	24/05/2021 às 17:45	GOOGLE MEET	15: 18 MIN
IRACI OLIVEIRA DA SILVA	22/05/2021 às 11:05	GOOGLE MEET	17:04 MIN
JORGE LUIS CHAGAS DA ROSA	22/05/2021 às 18:50	GOOGLE MEET	29:26 MIN
YORO BA	24/05/2021 às 20:00	GOOGLE MEET	15:41 MIN

Sobre os entrevistados podemos dizer : Cátia vinholes, 48 anos, solteira. Mora em Pelotas desde criança e a família também é de Pelotas, tem dois filhos trabalha na empresa terceirizada que presta serviço para universidade UFPEL de higienização é responsável pelo sustento da sua família tem dois filhos adultos; Iraci Oliveira da Silva, 52 anos, também é moradora de Pelotas desde criança e a família também toda de Pelotas, tem duas filhas Gabriele Maria Angélica já são adultas e casadas, mora sozinha é responsável pela sua única renda e trabalha no setor de limpeza da faculdade como terceirizada; Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos, nascido e criado em Pelotas, como toda a sua família casado com um casal de filhos em idade escolar, trabalha na cidade de Rio grande em Povo Novo, único responsável pela renda da família; E por último Yoro Ba, casado, 40 anos imigrante senegalês há 10 anos no Brasil e desde 2017 morando em Rio grande, trabalha como soldador em uma empresa privada de Rio grande tem tem quatro filhos dois no Senegal e dois no Brasil é o único responsável pela sua renda familiar e ajuda a família no Senegal financeiramente.

Conforme as entrevistas foram feitas, comecei a fase de transcrição de cada relato. Quando passamos o texto do oral para o escrito, busca-se conservar as suas características de oralidade, bem como as repetições, interjeições, frases e os trejeitos de cada um dos entrevistados. A transcrição se constitui num processo subjetivo, demorado, cansativo e só, em que o entrevistador/pesquisador pode “relembrar” a entrevista e mesmo avaliar o seu desempenho, o que contribui para seu aprimoramento para próximas entrevistas.

A pluralidade das histórias de vida, idades, interesses, metas e conquistas de cada um dos entrevistados implica em um desafio para este estudo, no sentido de conhecer a identidade dos alunos do PELEJA e vislumbrar esses sujeitos, acolhendo verdadeiramente o seu patrimônio cultural, conhecimentos, anseios e necessidades de aprendizagem. Em vista disso, como afirma Flick “[...] a realidade estudada pela pesquisa qualitativa não é uma realidade determinada, mas é construída por diferentes atores”.(Flick 2014, p.43)

Ressalto aqui que a duração das entrevistas foram breves contudo o fator tempo não interferiu na qualidade das falas. Essa brevidade se deu porque as características individuais das personalidades dos entrevistados eram peculiares.

A partir deste momento, busco apresentar alguns elementos presentes na fala dos/as entrevistados/as. Quando perguntados sobre a renda financeira familiar, todos os entrevistados responderam que são a fonte principal de sustento da família e seus rendimentos ficam na faixa entre 1 a 2 salários mínimos. Em relação à carga horária que trabalham, é acima das 40 horas semanais.

Isso nos mostra que todos os alunos pertencem a classe trabalhadora e que os principais motivos para voltarem a estudar é porque querem terminar os estudos, querem cursar uma faculdade ou fazer um curso técnico, eles almejam a educação e também buscam melhorar sua qualidade de vida.

Oliveira nos diz que: “O retorno à escola significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade” (OLIVEIRA. 1999. p. 37). Eles desejam elevar seu nível de conhecimento para conseguir um emprego que lhes remunere melhor, aumentando assim sua qualidade de vida.

Em relação a escolaridades dos pais, apenas um dos participantes respondeu que os pais não estudaram; os outros três participantes responderam que os pais possuem algum grau de escolarização:

“O meu pai era motorista e tinha o sexto ano do ensino Fundamental...a sexta série do ensino Fundamental e a minha mãe a oitava série do ensino Fundamental...minha mãe era dona de casa”. (Catia Cilene Vinholes, 48 anos);

“Não estudaram...meus pais trabalhavam na roça e a minha mãe cuidava da casa”. (Iraci Oliveira da Silva, 52 anos);

“Sim estudaram..sim sim... minha mãe estudou até o quinto ano colegial que era antigamente e o meu pai estudou contabilidade na escola técnica no ifsul”. (Jorge Luis Chagas da Rosa, 36 anos);

“Meu pai estudou...o meu pai é supervisor e::: engenheiro né, mais ele estudou até... Ele fez universidade ele fez faculdade Que eu saiba né...não... minha mãe eu acho que fez até segundo grau mais não passou...segundo grau fez até segundo grau só...sim.. estão tão vivos estão lá no Senegal.”(Yoro Ba ,40 anos).

O que nos leva a refletir que o abandono escolar aconteceu independente das vontades dos pais; e a causa desse abandono partiu de uma motivação particular de cada entrevistado. Em todos os casos, todos os pais e familiares dos entrevistados foram contra eles pararem de estudar, mas por motivos pessoais ou financeiros os entrevistados desistiram da escola quando eram mais novos, com idades entre 13 anos a 20 anos.

O abandono escolar é caracterizado pelo afastamento do convívio do ambiente escolar, ou seja, quando o aluno deixa de frequentar a mesma durante o período letivo. Ramalho (2010) caracteriza a evasão como uma expulsão escolar, porque a saída do aluno da escola não é um ato voluntário, mas uma imposição sofrida pelo estudante, em razão de condições adversas e hostis do meio. Isso se evidencia nas entrevistas realizadas:

”Na verdade... eu não resolvi eu precisei parar de estudar com 13 anos... pois os meus pais se separaram e eu tive que tomar conta dos meus irmãos que eram menor e por isso eu tive que parar de estudar o meu pai trabalhava a noite e dormia durante o dia então eu tinha que cuidar dos meus irmãos e dos afazeres da casa.”(Cátia Cilene Vinholes , 48 anos);

“Não:...eles queriam que a gente estudasse... se a gente não estudasse a gente ia trabalhar...eu que não quis mais pois eu rodei na quarta série e não queria repetir o ano de novo.”(Iraci Oliveira da Silva , 52 anos);

“Minha família foi contra e contra até hoje...ainda mais que dentro da minha casa tá todo mundo vivendo em um ambiente escolar... Meus filhos, minha esposa e minhas enteadas todo mundo estuda, o único que não estuda dentro de casa sou eu hoje né então.... Entre aspas né, porque automaticamente eu trago o sustento também...mas são pessoas.....que tão toda hora me incentivado a estudar.. voltar a estudar olhando pra mim e dizendo, bah tu é um cara novo, tu é um cara inteligente, tu pode ter um futuro melhor..volta”.(Jorge Luis Chagas da Rosa, 36 anos)

“Não... eles não queriam que eu parasse... mas eu tive que parar pois queria trabalhar pra ganhar dinheiro né.” (Yoro Ba, 40 anos).

Portanto, os alunos do projeto PELEJA, por diversos fatores afastaram-se da escola, tornando-se assim excluídos social e economicamente. Percebe-se que alguns dos alunos desistiram da escola por que queriam ser economicamente ativos ou como a entrevistada Cátia que foi forçada a desistir dos estudos pois tinha que cuidar dos irmãos mais novos e assumir as responsabilidades domésticas da casa depois do divórcio dos pais. Ou seja, pararam de estudar para trabalhar e assumir responsabilidades que não condizem com sua idade.

Hoje eles são mulheres e homens que almejam uma melhor qualificação e valorização profissional. E que buscam através da aprovação na prova do ENCCEJA concluir seus estudos e conseguir melhores condições de trabalho e renda.

De acordo com Freire (1986), o aluno deveria ser educado de dentro para fora e isto era sinal da libertação das pessoas. Contudo, quando a prática de aprendizagem lhe é tirada por qualquer razão, o indivíduo se torna impossibilitado de ter uma participação ativa com maior atitude crítica e social no contexto político em que faz parte. Diante disso, se evidencia a importância de promover meios e oportunidades para que estes trabalhadores consigam seus objetivos escolares, sociais e econômicos.

Quando questionados sobre uma lembrança escolar na infância, todos os interpelados relatam ter boas lembranças, que foram importantes para constituir sua formação. Sabe-se que escola é espaço medular para composição da educação e cidadania, os limites estruturais que juntamente com a família e a comunidade darão a compreensão de mundo para esta criança.

“Tenho...Tenho muitas lembranças boas eu estudava em uma escola Lar de Jesus uma escola muito boa que era dirigida pela dona doutora Diosna Nunes nossa diretora uma pessoa maravilhosa... uma escola espírita que vivia só de entidade assistencial, assim, mas que nunca nos faltou nada sabes... desde o alimento a roupa o calçado e eu guardo boas lembranças dessa escola e desta senhora dona Diosna Nunes.”(Cátia Cilene Vinholes, 48 anos);

“Eu acho que tudo eu gostava de ir para escola, porém quando eu rodei não quis estudar mais.”(Iraci Oliveira da Silva,52 anos);

“O início... eu tenho uma lembrança de alguns professores que quando eu estudava na escola Lima e Silva que pra mim eu tenho amigos até hoje, professores que marcaram minha infância pelo carinho e dedicação que eles tinham com o aluno né, a amizade bonita que existe. Dentro de uma escola né, de amigos daquele

carinho, daquela, o pessoal todo do bairro todo mundo estudando junto, essa harmonia toda...”(Jorge Luis Chagas da Rosa, 36 anos).

“Lembrança boa...que o pessoal tem é quando voltava de férias né... quando voltava de férias que começa a conviver com amigo, porque faz muito tempo que não vejo os amigos nem os colegas de escola. Lembrança boa que tenho é disso daí, mais ou menos.”(Yoro Ba, 40 anos).

Assim, podemos perceber que para os entrevistados a escola era um refúgio, um local bom de se estar, eles gostavam de estar lá, ir para lá, gostavam de encontrar os amigos. A escola pode ser mais que um espaço para aprender a ler e escrever; o ambiente escolar pode fomentar e apoiar diversas formas de sociabilidade e aprendizagem, que servem de base para este aluno conviver em sociedade, e seus espaços devem ser usados para o fortalecimento dos princípios do convívio social dessa criança, bem como a criação e manutenção de laços afetivos como da amizade e da camaradagem.

Analisemos aqui que uma boa educação se faz com compromisso e preocupações na formação do sujeito, sendo que esse compromisso social é um direito. E que de acordo com Oliveira Martins G a escola, “...agente de mudança e fator de desenvolvimento (...) tem que se assumir basicamente não só como um potenciador de recursos, mas também como um lugar de abertura e de solidariedade, de justiça e de responsabilização mútua, de tolerância e respeito, de sabedoria e de conhecimento.”(1992: 41)

O que nos leva às próximas questões das entrevistas, sobre o retorno desses trabalhadores a posição de estudantes, quais foram seus motivos e quais são suas dificuldades para se manterem nos estudos:

“Eu voltei a estudar a verdade é assim oh... depois de muitos anos eu voltei a estudar porque sabe eu tinha...eu tenho um filho menor e ele não gostava muito de ir para escola então eu voltei a estudar para incentivar ele a ir para a escola, aí nós fomos estudar na escola Santa Rita no período da noite, completamos a quinta...sexta e a sétima série noturna, porém ele não quis mais e foi trabalhar com o pai e eu não consegui manter ele na escola e aí eu já tinha pego o gosto por voltar a estudar, eu fiz a sexta sétima e a oitava série e aí eu eliminei nas provas aquela que tem sabe... aí não perdi mais o gosto.”(Catia Cilene Vinholes,48 anos).

“Em 2019, quando eu tive essa oportunidade que vocês deram no Projeto PELEJA, eu tive que estudar pois muitos trabalhos necessitavam do ensino Fundamental e do ensino Médio... pois agora

necessita para se ter um serviço melhor.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos).

”Ha outra vez ah o ano passado ou retrasado eu tinha me inscrito no ENCCEJA indicado por minha esposa que tinha saído as inscrições...e tal aí eu fui né:...só que mais uma vez devido ao trabalho né eu tinha feito um freelancer de garçom a noite toda e cheguei em casa tipo as 6:00 da manhã e a prova começava às 8:00. Isso que eu já tinha trabalhado toda a semana e fui de virada pra fazer a prova então quer dizer eu praticamente estava a mais de 12:00 horas de trabalho virei a noite toda trabalhando e fui fazer a prova meu raciocínio não era o mesmo... né não consegui o objetivo que eu quis né, mas enfim é um passo que hoje eu já penso duas vezes antes de cometer.” (Jorge Luis Chagas da Rosa, 36 anos).

“Aqui no Brasil faz esse ano agora...esse ano que eu decidi voltar a estudar aqui no Brasil pra terminar meu estudo pra começar faculdade.”(Yoro Ba, 40 anos).

Para Yoro a volta ao estudo se faz necessária pois ele deseja fazer uma graduação, além disso ele pode usar a certificação da prova ENCCEJA, como comprovante de proficiência em Português para o processo de naturalização como brasileiro. Como mencionado no texto acima, o regresso escolar dos colaboradores foi instigado por uma melhora nas condições econômicas e de trabalho, além das exigências do mercado de trabalho por uma mão de obra cada vez mais qualificada. A respeito disso, Bernardim, escreve que:

Na modalidade EJA permanece forte a percepção de que a educação pode contribuir não só para a melhoria das condições de trabalho e renda, como para a obtenção de emprego. Essa perspectiva também tem se ampliado entre aqueles que, tendo concluído o Ensino Médio há mais tempo, percebem o nível superior como importante para melhorar sua condição de inserção socioeconômica. Assim, almejam chegar à educação superior com a perspectiva de melhorar suas condições materiais de vida, passando a valorizar cada vez mais a universidade como meio de ascensão e inclusão social.(Bernardim,2013, p. 215)

Mas há também outras motivações; Catia Vinholes voltou a estudar como forma de incentivo para seu filho, isso mostra que ela como mãe se preocupa com a escolarização de seu filho, além de querer quebrar um ciclo em sua família.

Os/as entrevistados/as também relatam o apoio familiar nesse retorno aos estudos:

“Sim, as minhas filhas me apoiaram.... elas acreditavam em mim.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos);

“Bastante é assim ó... Eu não tenho meu pai hoje mais presente minha mãe é uma pessoa que me cobra bastante também, meus filhos, minha esposa também tá já entrando na parte dos exercícios pra faculdade dela, também então é uma pessoa que diz tu tens que estudar, tu pode estudar... tu consegue, a gente te ajuda, então existe um apoio muito grande deles também.” (Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos);

“Sim...tenho.” (Yoro Ba, 40 anos).

No que se refere ao tempo em que os depoentes participam do Projeto PELEJA, duas delas estão desde o início, em 2019: Iraci Oliveira da Silva e Catia Cilene Vinholes. Os outros participantes ingressaram no Projeto em 2012, Jorge Luiz Chagas da Rosa e Yoro Ba.

“..[...] eu tô deste início ...sou um pouco ruim de data ... isso eu tô desde 2019...” (Catia Cilene Vinholes)

“Esse ano através de um amigo professor.” (Yoro Ba, 40 anos)

Em relação a conhecer outro curso/projeto ou ter feito ou cursar EJA, seguem as seguintes falas:

“Sim... fiz no Fundamental né...” (Catia Cilene Vinholes)

“Não só o PELEJA.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos)

“Eu já fiz o EJA aí a única coisa que faltou pra mim tá foi um ponto em matemática, onde na época eu fiquei 6 meses pagando certo, e faltou um ponto de matemática que eu também estava trabalhando e sai do serviço tarde e não fui fazer uma prova e a professora não quis me dar porque se tivesse me dado isso eu estaria com o meu Fundamental completo, concluído e hoje a minha realidade seria outra....em uma escola particular “(Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos)

“Tô fazendo um agora em Pelotas, estudando um, mas não tô conseguindo acessar” (Yoro Ba, 40 anos).

Dois entrevistados, em determinado tempo, decidiram por retornar os estudos através do EJA, mas não conseguiram se manter em sala de aula. O que nos sinaliza que é muito difícil para o aluno trabalhador conseguir conciliar estudo e trabalho.

O aluno Yoro, além de participar do Projeto PELEJA, está fazendo EJA no SESI Pelotas, através da educação à distância. Ele afirma que na plataforma usada pelo SESI ele consegue entrar, assistir e fazer os trabalhos.

Tocante à frequência dos entrevistados, nas aulas que ocorrem aos sábados, do curso PELEJA, no ano de 2021, que aconteceram no formato online através da plataforma da UFPel, notamos que era um árduo desafio proporcionar uma aprendizagem significativa, pelos os meios e canais de acesso, bem como manter o interesse e a participação do aluno. Pois estes alunos trabalhavam em atividades remuneradas por quarenta ou mais horas semanais e alguns deles ainda faziam trabalhos extra, e uma atividade escolar de três horas ou mais em um único turno aos sábados e se tornam mais um obstáculo para que eles conseguissem assistir às aulas, ademais ter que conciliar o tempo com a família e afazeres domésticos. E o tempo disposto por eles para estudar fica em torno de 2 a 4 horas semanais.

“duas vezes por mês... pois durante a semana eu trabalho e na volta do trabalho e nos finais de semana eu cuido das minhas netas então eu só consigo quando elas não estão comigo.” (Catia Cilene Vinholes).

“Eu faltei duas aulas pois não consegui chegar a tempo.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos)

“Em torno de uma... duas por causa que dependendo do meu horário senão eu assisto depois as aulas por causa que a gente que trabalha na indústria ..tu não tem ..eu no meu caso no setor que eu trabalho não tem um horário fixo entende então eu tô hoje em um horário... hoje eu tô de folga amanhã eu pego as 18:00 horas solto meia noite volto no outro dia meio dia então é bem complicado sabe as vezes quando tu tem um tempo em casa tu vai dá atenção pra esposa pra filho pra família e tudo mais então a gente tem que tentar encaixar no tempo que tu consegue né.” (Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos)

“Não tenho acesso não consigo participar, eles mandam um link pra pessoa entrar mas esse link tá pedindo uns cadastros que a pessoa nunca consegue eu já tentei...já tentei. já falei com aline já falei de mundo mas nao consegui depois eu deixei também pra lá. Mas eu sigo também pelo grupo de whatsapp pelas mensagens.” (Yoro Ba, 40 anos).

Contudo, quanto às aulas do PELEJA, o aluno Yoro nos relata que até o presente momento nunca assistiu um encontro online, pois ele relatou que está tendo dificuldades em acessar a plataforma do curso PELEJA aos sábados para

assistir as aulas online, mas que apenas conseguia acessar o aplicativos dos conteúdos e que por ali ele estudava.

A questão 21 foi: por que você decidiu fazer a prova do ENCCEJA?

As razões apontadas pelos entrevistados são diversas, entretanto todos afirmam ser um meio mais rápido de alcançar seus objetivos, que é certificado de conclusão do ensino Fundamental ou Médio, para que possam prosseguir com sua jornada escolar. Diante disso, Freire (1992, p. 91) afirma que “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”. Nota-se, assim, que esses trabalhadores/as passaram a acreditar e a valorizar cada vez mais a prova do ENCCEJA, como meio eficaz para sua inclusão social.

“Por ser um caminho mais rápido para terminar o ensino Médio...porque na última eu fiquei por cinco pontos em matemática.”(Catia Cilene Vinholes);
“Eu descobri a prova do ENCCEJA no curso PELEJA e decidi fazer.” (Iraci Oliveira da Silva, 52 anos);

“Por falta de tempo por que né, na vida é corrida que a gente tem, hoje é uma forma mais rápida de poder pegar o certificado né, e eu poderia ter dado um passo muito...bem maior se na época que eu fui fazer a inscrição agora do ENCCEJA tivesse ...um tópico ali dizendo que eu poderia me inscrever pro Fundamental e pro Médio junto...devido a minha idade mais não tinha isso, esse dizer ali entendeu então ... mais um vez e me inscrevi só pro Fundamental para matéria que está me faltando que é matemática, mais mesmo assim eu me inscrevi em todas as matérias pra da uma relembra e a minha história mais uma vez poderia ser toda diferente né então eu vou ter que batalhar esse ano e já me programar e batalhar pro ano que vem e rezar que o governo não tranque esse projeto.” (Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos).

Percebe-se que uma parcela significativa dos alunos do Projeto PELEJA possuía algum problema com o acesso à internet ou com o uso de aparelhos como notebooks, computadores e celulares. Durante a participação em 2019 no Projeto vimos de perto as dificuldades dessas alunas/os com esses recursos tecnológicos. Inclusive foi ofertada uma oficina sobre recursos digitais no último encontro do Projeto PELEJA, em novembro de 2019.

“Essa prova do ENCCEJA faz parte de pessoa... a pessoa pode ter um diploma que ele se apresenta em qualquer lugar mais principalmente na polícia federal... por exemplo se fosse um estrangeiro que precisa de uma naturalização ou nacionalidade esse diploma vale lá, mas eu estou estudando mais pelo conhecimento ... não é pela nacionalidade mas pelo conhecimento mesmo. Mas tem certas pessoas que estudam por isso, para

poder se apresentar na polícia federal com esse diploma.” (Yoro Ba, 40 anos).

Como já foi dito, o trabalhador Yoro vai usar o certificado do ENCCEJA em seu processo de naturalização. Mas é importante ressaltar que o certificado de conclusão do Ensino Médio do Encceja é válido em todo o Brasil. Ou seja, poderá usar a sua certificação para acessar qualquer universidade ou faculdade do país, ou pode ser usado para quem quer fazer o Enem posteriormente e participar de programas como o Sisu, ProUni ou Fies. inclusive, fazer concursos públicos de nível médio depois de ter o seu documento de certificado pelo Encceja.

A próxima indagação foi sobre os objetivos destes trabalhadores/as ao participar do Curso e buscar fazer a prova do ENCCEJA.

“Então como eu trabalho a muitos anos na área da higienização e a idade está chegando eu sinto que o meu corpo fica muito cansado eu já tenho as minhas limitações como alguns problemas de saúde como tendinite. Então eu estou em uma situação que eu quero evoluir para não precisar trabalhar mas tão braçalmente, vamos dizer assim sabe...trabalhar com aquilo que eu gosto que é cuidar de pessoas idosas e ser melhor remunerada também.”(Catia Cilene Vinholes).

”Eu quero terminar o ensino Médio agora e depois eu vou ver o que eu vou fazer.” (Iraci Oliveira da Silva, 52 anos).

”A sete anos atrás a minha irmã acabou falecendo devido a insuficiência renal e algumas outras divergências que tinha... mas enfim ela fez hemodiálise por alguns anos e acabou vindo a óbito depois e eu fiquei 3 meses com ela internada dentro da santa casa...eu abandonei o meu trabalho abandonei a minha família abandonei tudo em propósito a ela pra cuidar dela né.. minha mãe velha e tudo mais uma pessoa idosa e eu digo é comigo né é uma coisa que deus colocou no meu caminho e eu vou ter que passar por isso mais vamos entender futuramente... vendo aquilo tudo o que que me chama atenção e me acende uma luz lá os técnicos de enfermagem não foi o médico, não foi os enfermeiros foi os técnicos...por que dentro desses 89 dias que eu fiquei com ela lá dentro eu via o amor a dedicação o carinho o respeito que eles os técnicos de enfermagem tinham com os pacientes né então foi uma profissão que me encantou foi o técnico de enfermagem por que como eu gosto muito de gente eu gosto de pessoa eu gosto de falar e eles tinham essa coisa entende porque se tu tava triste já trocava o turno já te levanta lá pra cima...quando tu tava ruim quando tu tava bem eles comemoravam contigo assim o eu tive pessoas ali que me mostraram um outro lado da profissão que assim o meu salário está atrasado mas o meu salário está atrasado lá na rua aqui dentro eu estou lidando com pessoas com vida... eles não queriam transmitir isso sabe então através desse fato triste que aconteceu dentro da minha vida eu acabei me apaixonando por uma profissão que eu sei que lá no futuro e uma coisa que eu quero fazer entende de trabalhar como técnico de enfermagem de cuidar do paciente...de trabalhar em um hospital entende eu não quero trabalhar em

uma clínica todo bonitinho não eu quero trabalhar em um hospital lidando com gente cuidando de gente e tratando gente fazendo gente ficar bem ficar feliz...e esse é o meu objetivo é a minha família toda me apoia nisso bhah se tu quer eu sei que tu vai gostar entende porque em vários momentos da minha vida eu fui cuidar paciente no hospital...alguma pessoa ficou ruim sou eu que vou pro hospital eu não tenho ruim eu não passo mal pelo contrário o hospital pra mim eu me sinto bem porque eu sei que ali é um lugar que vai melhorar as pessoas...perdas a gente tem em todos setores da nossa vida... mas eu posso até pensar errado... mas é uma profissão que pra mim me encantou muito.”(Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos);

“Meu objetivo escolar é crescer profissionalmente, eu quero fazer faculdade, eu quero fazer curso técnico, eu quero fazer interpretação de desenho... eu quero fazer curso técnico de mecânico e não tô conseguindo fazer sem diploma sem segundo grau, não vou conseguir fazer, então por isso que eu tô fazendo esse curso agora pra poder conseguir.”(Yoro Ba, 40 anos).

Quanto a desistir de fazer as provas do ENCCEJA os alunos do projeto PELEJA foram unânimes em afirmar que não vão desistir de fazer o exame. Compreendendo a necessidade dos estudos, da aquisição de conhecimentos em suas vidas, visando melhorias na qualidade de vida, esses entrevistados assumem esse marco decisivo em sua caminhada escolar.

“Não...não falta muito pouco e não pretendo desistir.”(Catia Cilene Vinholes).

“Não vou desistir enquanto tiver a prova e se eu tiver a oportunidade eu vou até o fim.” (Iraci Oliveira da Silva, 52 anos).

“Tu Sabe assim o no início do ano quando tava tudo se normalizando eu voltei a trabalhar na área da indústria certo e ainda eu peguei e disse assim pra minha esposa eu nao sei se eu...vou conseguir fazer a prova esse ano por causa do meu trabalho né e ela disse não tu te acalma de repente vai encaixar no teu horário e tudo mais...porque eu estava com medo de chegar dentro do meu trabalho e dar um atestado que eu ia fazer uma prova entende e no jeito que a gente tá vivendo hoje onde eu trabalho ta bem complicado de eu chegar e dá um atestado e de repente ser demitido depois por ta querendo crescer por ta querendo estudar entende então o projeto vem pra me acrescentar na minha vida mais ao mesmo tempo em alguns setores que tu vai trabalhar tu fica com um pé atrás de entregar... um atestado com medo do teu patrão vai te demitir por tu tá faltando aquele dia de trabalho o que que ele quer estudando...por que existem alguns setores que é complicado.., eu peço a deus que tudo que eu consiga chegar de uma forma tranquila certo conversar com o pessoal do rh do meu trabalho levar o documento certo e que seja justificada a minha falta eu acho que dentro da empresa agora depois de eu ter me efetivado e tudo mais eu acho que não terá problema de...eu ir fazer a prova porque eu acho que a empresa grande e vão ter consciência que isso não vai me prejudicar...é eu acho que eu vou conseguir fazer e vou trancar os pés no meu objetivo.” (Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos).

“Não... nunca pensei.”(Yoro Ba, 40 anos).

A opinião dos alunos sobre o que precisaria melhorar no Projeto PELEJA para facilitar seus estudos foram as seguintes:

“Eu gosto muito do método que o pessoal está trabalhando em função da pandemia...assim no meu ver está muito bom e tranquilo para as pessoas que realmente estão interessadas Infelizmente por conta da pandemia não podemos ir em aulas presenciais que eram bastante interessantes também, com os professores aquela coisa de ter contato corpo a corpo, mas eu acho...que é bem gratificante principalmente para quem interesse de participar das aulas.” (Catia Cilene Vinholes)

“Bom, por enquanto eu estou achando maravilhoso, não tem nada o que mudar pois está tudo bem explicado, eu consigo acessar a plataforma e quando eu não posso as minhas filhas me ajudam... quando era presencial era bem melhor pois a gente se reunia, pois essa tecnologia ainda é muito complicada pra mim, eu recém estou aprendendo muita coisa, eu ainda não aprendi, quando chegava o dia eu ficava muito ansiosa pra ir.” (Iraci Oliveira da Silva, 52 anos)

“Eu acho que...de repente é que a gente fica meio assim de falar com os professores no privado assim, pra não invadir o espaço de cada um, o PELEJA pra mim se ele melhorar só se fosse presencial...se tivesse o contato porque o contato professor aluno, olho no olho, tu sentindo a energia da pessoa, tu sentindo sabe, eu prefiro isso ...espero que depois que passar essa pandemia que possam ter aulas presenciais...que sejam uma vez por semana e tudo de repente não precisam ser tão extensas sabe, aquela aula è por que eu prefiro, eu acho que o presencial é melhor, enfim, mas pra mim o projeto tá de parabéns. (Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos)

“Facilitar acesso...às participações das aulas online direto precisa facilitar por que ta muito difícil de acessar muita gente desiste, aliás não desiste mas muita gente não participa por causa do acesso, o acesso é muito difícil..eles mandam um link, no link tu entra e pede cadastro, o único que eu to estudando agora um link só eles mandam marcam horário tu entra pessoal ta e ta tendo e vocês estudam...mas aquele de PELEJA ta muito difícil acesso Vocês poderiam melhorar isso ficaria bem mais tranquilo bem mais fácil pro pessoal estudar e entrar né.(Yoro Ba, 40 anos).

Como mencionado no texto acima, os alunos tiveram alguns problemas técnicos ou de rede para acessar os questionários e formulários online que o projeto disponibilizou para coleta de dados e as aulas online reviveram essas dificuldades.

Segundo o professor de didática no Instituto Singularidades (SP), "Não é uma situação estruturada: faltam equipamentos, não há acesso à internet, as pessoas não dominam as tecnologias digitais. A EaD pressupõe que todos estejam conectados e integrados" (JORNAL DE BRASÍLIA, 2020).

No ponto 25 conduziu-se a seguinte indagação: você acha que deveria ter mais investimento do governo para a educação de jovens e adultos no Brasil? O

que está depois disso não entendi... é uma citação de alguém? (2005, p. 16) ressalta que “pensar alternativas para a superação do fracasso escolar implica no estabelecimento de políticas sociais articuladas que se direcionam para a melhoria das condições de vida da população”.

“Deveria dar incentivos...diminuição de horário de trabalho para as pessoas poderem ter mais tempo de estudar.” (Catia Cilene Vinholes);

“Com certeza deveria.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos).

“Com Certeza...por causa que a gente pega pessoas que têm experiência em áreas e atividades profissionais aí tu chega dentro da empresa e diz assim pra ti eu preciso de ensino Médio completo no mínimo...por que hoje o ensino Médio é considerado que tu está alfabetizado mas tão pedindo um técnico alguma coisa que tu tem que ter um conteúdo a mais...então eu acho que o governo peca muito nessa parte né que a gente teve até meus filhos estudam no Assis Brasil em uma da maior escola estadual de Pelotas e eu pensei em me inscrever no ENCCEJA lá né no EJA... e aí depois um dia eu passei na frente e estavam entre aspas dizendo que talvez o EJA ia terminar dentro das escolas estaduais né então eu acho que tu tens que ter um EJA pras pessoas isso aí não pode acabar pelo contrário isso tem que aumentar mais né de repente ter até mais de um turno em vez de só no noturno por que quem trabalha de noite no tem como estudar né de repente tu intercalar com outros horários né de repente tentar fazer uma formação tipo uma coisa integrada tipo o IFSul assim um EJA com o técnico junto pra que aquela pessoa possa se formar e sair dali com uma profissão...então eu acho que o governo sim ele tem que pensar no futuro das crianças que é o estudo mas também não podemos esquecer daquelas pessoas que estão na meia idade como eu que tenho 36 anos que sou um cara novo mas que também quero estudar que também quero ter a oportunidade mais uma vez né então eu acho que nao pode acabar e eu gostaria que tivesse outros horários em vez de só do noturno.”(Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos).

“É eu acho que tem três coisas que o governo tem que investir..: educação.. segurança e saúde... essas três que são as coisas mais importantes num país...se tem educação tem tudo se um jovem não tem educação fica uma país lá pra trás né... eu acho que o governo deveria investir mais isso nunca chega tem que investir cada vez mais na educação.”(Yoro Ba, 40 anos).

Quais são para você os fatores que mais dificultam a sua permanência nos estudos (curso)? Esta foi a questão 26 apresentada aos entrevistados. Ressalto que os mesmos são trabalhadores do setor terceirizado da UFPel ou do setor industrial, que trabalham mais de 40 horas semanais. Nesse sentido, as dificuldades em conciliar estudo e trabalho e o cansaço físico foram um dos fatores citados, além do acesso às plataformas onde o curso é ofertado.

“A maior dificuldade é o cansaço físico mesmo.” (Catia Cilene Vinholes)

“A maior dificuldade é a internet.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos)

“Hoje é o os meus horários de trabalho se eu tivesse um horário de trabalho fixo eu ia conseguir me programar melhor mas como a cada 23 dias eu troco de horário então a minha dificuldade de assumir um compromisso numa escola ou seja o que for é nessa parte mas de resto nada me impede mas pelo contrário eu tenho um apoio familiar que tu não faz ideia.” (Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos)

“Falta de tempo...porque a pessoa sai de casa cedo para chegar em casa tarde né...de resto ta tranquilo quando eu chegar em casa eu estudo o problema é chegar em casa é isso aí que dificulta mais o estudo mas nós estamos se virando.”(Yoro Ba, 40 anos).

Nossa última pergunta foi sobre a importância dos estudos na vida dos filhos dos entrevistados. Todos os participantes ressaltam que educação é um fator primordial para vida e desenvolvimento de seus filhos. Além disso, alguns deles afirmam que quando eles estudam podem incentivar e proporcionar a seus filhos uma educação de qualidade..

“A minha filha sempre gostou muito de estudar... ela concluiu o ensino Médio ela não tem nenhuma formação, porém eu incentivo muito ela até cuidando das minhas netas... para ela seguir em frente e fazer algum curso profissionalizante.. dentro do que ela gosta de trabalhar fazer algum curso dentro da área dela que é o comércio.” (Catia Cilene Vinholes)

Compreendo através das resposta que os trabalhadores sabem da relevância e influência que os estudos desempenham na vida de seus filhos, para que eles se desenvolvam, cresçam não só fisicamente mas intelectualmente e possam tomar seu lugar na sociedade

“As minhas filhas conseguiram se formar as duas... sim eu acho que sempre que elas poderem estudar elas devem.”(Iraci Oliveira da Silva, 52 anos)

“Fundamental totalmente fundamental hoje em dia a minha família toda estuda. Toda a minha família estuda... eu vou te contar um pouquinho a minha esposa tá no último ano de Pedagogia... a minha enteada tá no último ano de serviço social a minha outra enteada tá no último ano de edificações no ifsul meu filho tá no oitavo ano do ensino Fundamental e a minha filha ta no segundo ano do ensino Fundamental também então que dizer eu to todo no ambiente escolar todo mundo estuda dentro da minha casa.. todo mundo lê, todo mundo escreve todo mundo né a vida deles é uma loucura mas eu acho fundamental pros meus filhos por que eles tão crescendo em uma rotina que aonde as irmãs deles as minhas enteadas cobram o tempo todo deles por elas estarem também fazendo faculdade fazendo a minha esposa também tá fazendo faculdade por que eles sabem que eles estão sendo

criados naquilo ali entendeu entende então são tudo pessoas com sangue novo que tão dizendo nós vamos terminar essa faculdade e eu já tô me inscrevendo para outra e o meu filho também no oitavo ano e ele já tá pensando se vai pro CAVG se vai pro IFSul se vai pro Tiradentes que ele quer fazer medicina veterinária por que ele quer lidar com animal por que ele gosta de cavalo entende então eles estão tudo criados então eu agradeço muito a minha família por tá criando os meus filhos nesse ambiente bom de estudo né ..e que eu mesmo não estando estudando mais incentivo muito eles pra nunca parar de estudar pra não passar pelas mesma dificuldades que eu passo até hoje devido ao não estar estudando.”(Jorge Luiz Chagas da Rosa, 36 anos);

Nota-se que para os entrevistados a família é crucial para desenvolver bons costumes de estudos, de gostar de ir pra escola, e sempre estar motivando a criança, ser um bom exemplo de aluno para que essa criança desenvolva o desejo de aprender, ir à escola e ter um bom desempenho.

“Estudo é tudo...se tu não tem estudo não tem nada...se eu não estudar eu nunca vou conseguir ensinar meu filho dentro de casa...nunca vou conseguir dar uma matéria pra ele matematica.. geografia eu nunca vou conseguir contar uma historia pra ele historia sempre tem né mais a história que tá no momento que ele precisa entender que ele precisa saber se eu não estudar eu nunca vou conseguir fazer... o meu filho vai estar com um problema de matemática chega em mim eu tenho que pesquisar na internet ligar pra pessoas não eu tenho que estudar pra mim mesmo mais tenho que estudar pra ajudar o meu filho também dentro de casa né pra ele nao sentir dificuldade que eu sinto agora... isso é obrigatório o meu filho tem que estudar tudo que eu nao fiz ele tem que fazer ele nao vai chegar em 40 anos pra estudar ele tem que estudar no momento que ele devia estudar.” (Yoro Ba, 40 anos)

Acredita-se que na família encontramos segurança, apoio, incentivo e educação desde o nascimento sendo este o nosso primeiro local de ensino e de cidadania, entretanto também se sabe que a família pode ser um lugar de adversidades, incertezas e violência. Assim, é necessário que outro espaço possa assumir e assim garantir esses direitos basilares para o indivíduo em formação, a escola é um destes locais e vem cumprido essa função de promover a criança, adolescente e até mesmo adulto praticar e desenvolver sua cidadania. Conforme Polakow (1993) chama “um sentido de lugar”. E acrescenta: “um lugar é mais do que a soma das suas rotinas, regras, horários, resultados de avaliação (...) um lugar onde as crianças e os jovens sintam que são importantes, não instrumentalmente, porque estão presentes e fazem parte de um número determinado, mas

existencialmente, porque se trata de uma paisagem em que elas têm significado e um sentido de pertença” (1993: 159). É na escola que aprendemos a viver em grupos, trabalhar e ser autônomos, também é neste meio que reproduzimos e re-concebemos os nossos valores para viver em comunidade. E através de nosso questionário percebe-se que nossos entrevistados reconhecem a importância da educação e da escola em suas vidas e na vida de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo historiar as memórias, experiências e desafios enfrentados pelos alunos do Projeto PELEJA, que pretendem fazer o exame do ENCCEJA. E por meio de seus relatos descobrimos que eles lutaram contra suas adversidades para alcançar o objetivo da aprendizagem.

O ingresso e a continuidade de jovens e adultos na escola, são assegurados por políticas educacionais e considerando que são direcionados a trabalhadores, que trazem consigo uma carga de experiências de vida, essas experiências precisam receber a devida importância .

A modalidade do EJA foi criada para atender quem quer retomar os estudos e afirma a educação como direito básico.

A realização desse estudo se baseou nas entrevistas com estudantes do Peleja nos anos de 2019 a 2021. A partir das entrevistas foi possível conhecer melhor suas trajetórias escolares, seus sonhos, suas memórias bem como os contratempos vividos pelos alunos, como as dificuldades de conciliar família, trabalho e estudos.

O retorno ao ambiente escolar para estes foi um marco importante na suas trajetórias de vida, conhecer os motivos e inspirações , que esses os alunos estão reconhecendo a necessidade da educação em suas vidas, e buscam algo muito além de apenas abandonar o analfabetismo. Desejam poder ofertar a seus filhos aquilo que não tiveram uma educação de qualidade mais inclusiva que compreenda e respeite sua vivência e saberes. Quanto aos professores, currículo e metodologias e práticas desta modalidade de ensino devem ser aprimorados para serem direcionados e melhor preparados e amparados pelo Estado para suprir as demandas desses alunos trabalhadores. Para operar em conjunto com as diferentes experiências e conhecimentos que estes indivíduos trazem em suas bagagens. Estes trabalhadores tencionam concluir seus estudos e melhorar suas condições sociais e econômicas, ingressar num curso técnico ou universitário e adquirir conhecimentos que o integrem na sociedade. Assim, torna-se imprescindível que os educadores desta modalidade de ensino repensem suas metodologias para ensinar além do necessário para a conclusão da educação básica de ensino e pensem que estão, sim, auxiliando esses alunos a construir seu futuro melhor.

Referências bibliográficas:

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA 22.: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.

BERNARDIM, Márcio Luiz. Educação e Trabalho na perspectiva de egressos do ensino médio e estudantes universitários. In: Nuances: estudos sobre educação, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 200-217, jan./abr. 2013.

BRASIL. Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica na idade certa – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes /Fundo das Nações Unidas para a Infância Brasília: UNICEF, 2012b.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 6.377, 18 ago. 1971

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 abr. 2010

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial da União: seção 1e, Brasília, DF, p. 15, 9 jun. 2000.

BRASIL. Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº. 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos

Profissionais da Educação – FUNDEB

BRÉTAS, A.C.P. [Investigación cualitativa y el método usado en la historia oral: aspectos conceptuales]. Acta Paul Enf, v.13, n.3, p.81-91, 2000.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 no 1 (3), janeiro julho/2005, P. 68-80. disponível em: <www.emtese.ufsc.br>.

CASTRO, J. Jornal O Globo. Rio de Janeiro. Cabral é condenado pela 13ª vez na Lava-Jato, e apenas chegam a 282 anos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cabralcondenado-pela-13-vez-na-lava-jato-penas-chegam-282-anos-24218394>. Acesso em: 09 jun. 2020.

COLAVITTO, N.B e ARRUDA, A.L.V.I.M. Educação de Jovens e Adultos (eja): A Importância da Alfabetização. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. O Currículo na Educação de Jovens e Adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte. Belo Horizonte: PUC/MG, 2004 (Dissertação de Mestrado em Educação)

FREIRE, P; GUIMARÃES, Sérgio; GADOTTI, Moacir. Pedagogia: diálogo e conflito. Cortez Editora Autores Associados, 1986.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
Pedagogia da autonomia. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998

FRIEDRICH et.al. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. Ensaio: avaliação das políticas públicas educacionais. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

FLICK Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Flick, U. (2005). Métodos qualitativos na investigação científica. Lisboa: Monitor

GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro. A relação educativa na educação de jovens e adultos: suas repercussões no enfrentamento das ressonâncias da condição de exclusão social. In: XXV REUNIÃO ANUAL. Poços de Caldas. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 2003.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, mai. /jun./Jul./Ago. 2000, nº 714, p.108-130.

HADDAD 16UFPI/PPGEd/NIPEEP | EPEduc | DOI| EPEduc | Revista Epistemologia e Práxis Educativa ISSN: 2674 -757X Teresina |n. 01| | v. 05| jan/abril |2022 (2000

- HADDAD, Sérgio (coord.). Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998). Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002
- MEIHY, José Carlos S. Bom. Manual da história oral. São Paulo/SP. Edições Loyola, 1996.
- GODOTTI, Moacir, ROMÃO, José Estácio. Educação de Jovens e Adultos: teoria prática e proposta – 12. Ed – São Paulo/SP: Cortez, 2011.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 9-29
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). Currículo, cultura e sociedade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997
- PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000. 126p.
- OLIVEIRA, Martins G. (1992). Europa – Unidade e diversidade, educação e cidadania. Colóquio: Educação e Sociedade, 1:41-60.
- STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010.
- VIEIRA, M.C. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- PERNA, I. do S. S; PEREIRA, J. R; PEREIRA, R. da C. Movimentos Sociais e Educação do Campo no cenário nacional: das lutas às políticas públicas. Margens:
- POLAKOW, V. (1993), Lives on the Edge: Single mothers and their children in the other America. Chicago: The University of Chicago press
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MEIHY, J. C. S. B..Guia prático de história oral:para empresas, universidades,comunidades e famílias São Paulo: Contexto, 2011.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e de aprendizagem. In: Revista Brasileira de Educação, v. 1, n. 12, p. 59-73, set./out./nov./dez. 1999. Disponível em: <http://bit.ly/37yKMtY>. Acesso em: 31 out. 2019.

RAMALHO, R. A Evasão Escolar e o Analfabetismo: Breves Considerações. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29319/1/A-Ev>

RIBEIRO, M.L.S ...História da Educação Brasileira- a organização escolar. São Paulo, Cortez Editora, 1992. pp. 35

RIBEIRO, Vera Masagão, JOIA, Orlando, PIERRO, Maria Clara Di. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf.

ROCHA, Rosana Ivanete Oliveira,GASPAROTTO, Alesandra Resistência e resiliência: projeto PELEJA e a educação popular que ajuda a construir os sonhos dos terceirizados da UFPEL,CEC VII congresso de extensão e cultura, 6º semana integrada ano ufpel 2020